

## **Eixo Temático: Estudos de paz e Segurança Internacional**

### **A SECURITIZAÇÃO DO EBOLA EM 2014**

Ana Paula Ferreira Santos - ASCES<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

Em meados de 2014 aconteceu uma epidemia do vírus Ebola na África Ocidental, após inúmeras mortes o mundo voltou-se para os países atingidos pela doença, de uma forma que somente se compara a crise da AIDS/HIV na última década. Esta doença, e o discurso sobre ela, fizeram com que o Conselho de Segurança da ONU aprovasse uma resolução que objetivava a contenção do vírus nos Estados afetados. Este artigo visa analisar como e porque se deu o processo de securitização do vírus Ebola no mundo. A hipótese é que há elementos econômicos e políticos envolvidos. Para isto, se utilizará de literatura sobre a temática de segurança internacional, securitização, surto do vírus Ebola e dados oficiais da ONU. Resultados preliminares indicam que a hipótese apresentada está correta.

#### **Palavras-Chave**

Segurança Internacional; Securitização; Ebola.

#### **ABSTRACT**

In mid-2014 took place an epidemic of Ebola virus in West Africa, after several deaths the countries of the world gave attention to the disease in a way that can only be compared to the AIDS / HIV crisis in the last decade. This disease, and discourse about it, have made the UN Security Council to adopt a resolution that intended to contain the virus in affected states. This article aims to analyze how and why the Ebola virus securitization process in the world happened. The hypothesis is that there are economic and political elements involved. For this, it uses literature on international security issues, securitization, the outbreak of the Ebola virus and official data from UN. Preliminary results indicate that this hypothesis is correct.

#### **Keywords**

International Security; Securitization; Ebola disease.

---

<sup>1</sup> Discente de Relações Internacionais na Faculdade ASCES. Integrante do grupo de pesquisa, prática e extensão *Peacebuilding*, da mesma instituição, que tem como objetivos o estudo da paz, segurança internacional e resolução de conflitos. Email: ana.fer.san@outlook.com.

## **1. Considerações Iniciais**

Em 2014 aconteceu a maior epidemia da febre hemorrágica ebola, que levou a morte milhares de pessoas, principalmente, em três países da África Ocidental: a Guiné Bissau, a Libéria e Serra Leoa. Após cerca de 10 meses, o mundo volta-se para esta região de uma maneira só vista antes, na crise do HIV/AIDS na última década. Este presente artigo visa averiguar se houve e como se deu o processo de securitização da doença, que fez com que fosse aprovada uma Resolução no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Para isto se fará breve histórico do surgimento dos Estudos de Segurança Internacional e os pilares que serviam de referência para esta disciplina; o novo debate e abrangência de temas ao findar da Segunda Guerra Mundial, que fez com que novas ameaças fossem considerados pelos estudos de segurança, assim como o surgimento de novas vertentes acadêmicas neste novo contexto político-histórico. Se analisará brevemente a Escola de Copenhague, fruto desta visão abrangente, seus setores de estudo e sua teoria de Estado, que servirá de arcabouço teórico para estudar, averiguar e explicar o evento citado anteriormente. Assim como se dará o breve histórico das epidemias do Ebola no mundo, sua origem, e as características da atual epidemia.

## **2. Breve Histórico dos Estudos de Segurança**

Os Estudos de Segurança Internacional iniciou-se como uma disciplina independente e foi absorvida pelo campo das Relações Internacionais como uma de suas, mais importantes, subáreas; e tem grande literatura anterior aos eventos da Segunda Guerra Mundial. A princípio o tema principal era os estudos da guerra, estratégias militares e geopolítica, voltado a uma perspectiva realista. Como ícones teóricos da disciplina, antes dos anos 40, temos, por exemplo, Clausewitz, Mahan, Richardson e o Huashofer. Após a Segunda Guerra Mundial surgem discussões de como proteger interna e externamente o Estado das ameaças vigentes, fazendo-se necessário estudar sobre o tema. Não há uma definição mundial sobre o termo da disciplina, todavia é bem aceita como “Segurança Internacional”. Havia duas principais escolas de debate deste tema, uma europeia e outra Estado-Unidense (BUZAN; HANSEN, 2012).

Há quatro questões que servem como pilares, para os Estudos de Segurança Internacional, desde a sua criação pós Segunda Guerra Mundial: O Estado como objeto de referência, de legitimação e de estudo; a inclusão de ameaças ao Estado internamente, no âmbito nacional, como problemas econômicos, e externamente, como ameaças de agressão por parte de outras potências estatais; a preocupação além do poder militar e de uso da força, sendo interessante observar “o vigor econômico, estabilidade de governo, fornecimento de energia, ciência e tecnologia, alimentos e recursos naturais” (BUZAN; HANSEN, 2012, p.38);

e a urgência para aniquilar as ameaças em vista, fazendo, assim, necessário tomar ações extremas, radicais e violentas, objetivando sua sobrevivência. Observando-se o contexto político – histórico do surgimento desta disciplina, que é a Guerra Fria, “um clima político no qual os Estados Unidos, e de maneira geral o Ocidente, percebiam a si próprios como ameaçados por um oponente hostil” (BUZAN; HANSEN, 2012, p.39). Este tipo de pensamento terminava por legitimar as ações dos Estados naquele momento (TANNO, 2003).

## **2.1 Abertura para Novas Perspectivas**

Esse pensamento mais realista, Estadocêntrico, de maior observância a estratégia política e militar enfraquece ao findar do conflito bipolar. O realismo, a teoria *mainstream* para os Estudos de Segurança naquele momento, não pôde explicar o afrouxamento das relações entre os blocos socialista e capitalista; porque a teoria previa uma guerra eminente entre as partes envolvidas. Durante o referente tempo histórico, ainda no período da Guerra Fria, começou-se a pensar em outras perspectivas, em vez de termos militares, bélicos e estatais, usava-se termos como construção da paz (BUZAN; HANSEN, 2012).

O fim da Guerra Fria foi um fator de liberdade para os Estudos de Segurança, passou-se a dar mais importância a temas que naqueles anos existiam mas que eram deixados de lado por causa do conflito bipolar, porque até então não eram interessantes e não tinham caráter emergencial como acontecia no referente conflito (DUQUE, 2009). Segundo Buzan e Hansen (2012), “o terreno pós-Guerra Fria era, portanto, caracterizado pelo debate por meio da divisão entre tradicionalistas e os ampliadores-aprofundadores, mas também, crucialmente, dentro do próprio campo ampliador-aprofundador (BUZAN; HANSEN, p.288, 2012). Do campo ampliador existem duas vertentes, a crítica, com o objetivo de emancipar o indivíduo, e a abrangente, que tem como objetivo estudar formas de segurança que fogem do convencional estratégico militar; estão dentro destes campos de pesquisa as seguintes teorias: o construtivismo convencional e crítico, Segurança Humana, Estudos críticos de Segurança, Estudos Feministas de Segurança, Pós-estruturalismo, Pós-colonialismo e a Escola de Copenhague (BUZAN; HANSEN. 2012).

## **2.2 A Escola de Copenhague**

A Escola de Copenhague se enquadra na vertente abrangente, e está numa posição intermediária entre o tradicionalismo e a vertente crítica de estudo (BUZAN; HANSEN, 2012). Em seu início esta escola utilizou-se de conceitos realistas, mas foi abrangendo seu tema de pesquisa gradualmente (TANNO, 2003). Como principais teóricos temos o Barry Buzan e o

Ole Wæver com variadas contribuições no *Copenhagen Peace Research Institute*<sup>2</sup>. Esta vertente amplia os estudos das ameaças e seus objetos de referências, concentrando-se nos processos de securitização. Conceitua-se securitização como um processo em que um tema passa a ter determinada importância na agenda governamental de determinado Estado (BUZAN; HANSEN, 2012).

O objeto de referência, desta corrente teórica, é a coletividade e o meio ambiente, preocupa-se em estudar o interno e externo dos Estados, aplicando-se a vários setores de pesquisa além do político-militar, e sua principal epistemologia é a análise do discurso<sup>3</sup>. Mesmo sendo uma teoria de caráter abrangente, o Estado ainda possui grande importância; o fortalecimento dele é obrigatório para que se possa existir anarquia porque, segundo Buzan *et alii*. (2012), Estados bem estruturados, fortes, não terminam por exportar seus problemas, suas inseguranças domésticas para os demais. Segundo esta Escola, o Estado possui três componentes que o constitui: seu território e suas riquezas; sua identidade como nação; e seu governo, suas instituições. A boa dinâmica destes fatores enquadram um Estado como sendo forte ou fraco. “A força do Estado será diretamente proporcional ao nível de coesão político-social” (TANNO, 2003, p.61). Inserir uma Teoria de Estado no arcabouço teórico nesta presente teoria, permitiu aos estudiosos analisar melhor as variações de fatores domésticos que influenciavam na segurança internacional (TANNO, 2003).

Além da Teoria de Estado, a Escola de Copenhague dividiu seus estudos em setores de segurança que são: o setor militar, o político, o societal, o econômico e o ambiental. Como esta vertente tem interesse por segurança regional, desenvolveu-se, também, o conceito de complexo regional de segurança que refere-se a relação entre as variáveis entre o doméstico e regional, e do regional com o internacional; estudando o relacionamento dos Estados nos âmbitos citados (BUZAN, 1998). Mesmo adotando uma visão abrangente esta teoria não deixou de lado um dos setores mais clássicos dos estudos de segurança, Buzan *et alii* (1998) fala que é no setor militar que se constata maior institucionalização da securitização devido ao monopólio da força pelo Estado, desta forma, os líderes militares tornam-se grandes atores securitizadores.

Junto ao grupos militares, os grupos de pressão, os representantes de ministérios, acadêmicos e a indústria de armamento, possuem grande poder de securitizar temas. A Escola de Copenhague afirma que uma boa capacidade militar, relacionada a tecnologia desta, assim como o caráter defensivo ou ofensivo de seu armamento interferem no processo de securitização. Como já fora dito, o fim do conflito bipolar fez com que novas ameaças fossem estudadas, assim como passou-se a ter maior observância a conflitos menores, em

---

<sup>2</sup> Instituto de Pesquisa da Paz de Copenhague (Tradução Livre).

<sup>3</sup> Speech Act.

geral de caráter regional (TUNNO, 2003). O processo de securitização se dá pela politização de determinado tema, e sua urgência nas agendas governamentais.

No setor político, esta corrente teórica, afirma que as ameaças de caráter político podem desestabilizar, ameaçar, ou até mesmo destruir a organização de um Estado no âmbito ideológico, territorial e institucional. A ameaça política atinge a soberania do Estado e pode, a partir de pressão, forçá-lo a tomar determinadas ações; as ameaças classificam-se como sendo estruturais e intencionais. Lembrando que esta Escola propõe-se a estudar outros agentes e entidades políticas, “[...] cidades-estados, impérios, teocracias, tribos, linhagens dinásticas e movimentos transnacionais são igualmente reconhecidos como objetos de referência do setor.” (TANNO, 2003, p.64).

No âmbito denominado societal, define-se como ameaça aquela à identidade coletiva. Buzan et. Alii. (1998) fala que insegurança societal surge quando comunidades de qualquer tipo tomam algo como uma ameaça a sua sobrevivência como comunidade. Deve-se evitar dois mal entendidos sobre o termo, em primeiro lugar segurança societal, que tem como objetivo a coletividade e sua identidade, não é o mesmo que segurança social, que visa o indivíduo, principalmente, economicamente; em segundo lugar, outro problema com o termo é que ele pode designar a um grupo que não tenha identificação, no sentido de fazer parte da população de determinado Estado, o que leva a outro mal entendido quanto ao termo de nação (BUZAN, 1998). As “[...] ameaças societais encontram-se em Estados fracos, em que a sociedade e Estados não se harmonizam. Nestes, os próprios governos poderão ameaçar identidades que lhes são hostis.” (TANNO, 2003, p.65) Neste âmbito enquadram-se problemáticas referentes, por exemplo, a migração, a intolerância religiosa, étnicas e culturais.

No setor econômico há um dilema quanto a competição, principalmente nos sistemas capitalistas, que se constituirá como uma ameaça à segurança se a disputa sair da esfera econômica e for para o âmbito militar e político (BUZAN, 1998). Desta forma, a ameaça seria aquela que impede a sobrevivência do Estado, principalmente em relação a provisão de matérias essenciais no caso de uma guerra. O objeto de referência dependerá da ideologia que será utilizada, os mercantilistas e neomercantilistas dirão que o Estado é o mais importante, já os liberais dirão que o mercado que tem maior relevância (BUZAN, 1998). Liberais afirmam que as políticas utilizadas pelos mercantilistas provocam conflitos com maior facilidade, devido a relação entre o território e a produção de riquezas; os mercantilistas, por sua vez, argumentam que a ideologia liberal deixa o Estado mais vulnerável pois dependerá de boa relação com os demais. Os liberalistas defendem-se afirmando que seus conflitos nunca passam da esfera econômica, resolvem-se sem uso da força, pelo menos entre Estados interdependentes (TANNO, 2003).

Por último, no setor ambiental, há dois objetos de referência para estudo: o meio ambiente e a qualidade de vida alcançada (TANNO, 2003). Alguns descrevem segurança

ambiental como sendo o nível máximo que se pode chegar, outros afirmam que é uma poluição do conceito de segurança, assim como há aqueles que oscilam em ambos pensamentos. Há duas agendas, a científica e a política; a científica é construída a parte de instituições de pesquisa, em geral não é uma atividade governamental, já o setor político é essencialmente governamental e se refere as tomadas de decisões e políticas públicas quanto ao meio ambiente. A agenda científica tem encorajado as ações de securitização legitimando através do poder do saber que possuem, enquanto que a política possui três características: Estado e o público estão cientes dos assuntos da agenda científica; há a aceitação de que a política tem a responsabilidade de lidar com os problemas e com as questões de gestão a fim de solucionar as problemáticas através de cooperação internacional e institucionalização do mesmo. É interessante ressaltar que ambas agendas, política e científica do setor ambiental são construção social. De acordo com o discurso, como: “Em breve será tarde demais, temos que agir ainda que tenhamos de tomar medidas desagradáveis que normalmente estariam totalmente fora do espectro aceitável, porque a natureza da ameaça exige isso.”<sup>4</sup> (BUZAN, 1998, p.83, Tradução Nossa). Desta forma os assuntos de cunho ambiental migram para outros setores, como o setor militar visando a sobrevivência do Estado (BUZAN, 1998).

### 2.3 Processo de Securitização

Estas são ideias muito importantes, que compõem a Escola de Copenhague, mais uma das mais importantes contribuições para esta, é o conceito de securitização, já mencionado anteriormente. Ele foi esboçado por Ole Wæver em 1995, quando se refere à construção da ameaça através do discurso. Os autores da Escola de Copenhague consideram que as ameaças ao coletivo são construídas socialmente. Securitização pode ser definida, a princípio, através de uma prática intersubjetiva em que um determinado ator define um tema ou outro agente como uma ameaça a existência de uma unidade, a partir de um objeto de referência, e este movimento é aceito por relevante público. Conseguindo securitizar determinado tema, este sairá do âmbito não-politizado, em que não fazia parte da agenda governamental; para um nível politizado, ou seja, inserido na pauta das discussões; e, por fim, securitizado, adquirindo, assim caráter emergencial (WILLIAMS, 2013).

Securitização, segundo Buzan et al. (1998) é um ato de fala, e se faz necessário estudar o discurso de securitização, porque além de argumentar que se deve minar a ameaça a existência, o discurso também pode ser dito com a intenção de conter a ameaça, através, também, de ação emergencial. A aceitação do *securitization move*<sup>5</sup> da ameaça pelo público

---

<sup>4</sup> It will soon be too late, We have to act even when We must take unpleasant steps that would normally be totally outside the acceptable spectrum, because the nature of the threat demands this.

<sup>5</sup> Iniciativa de Securitização, movimento securitizador (Tradução Livre).

relevante pode ser aceita ou não, dependendo de determinadas condições facilitadoras que são: o contexto histórico da ameaça, a forma de discurso e a posição do orador. A securitização é efetivada quando o público relevante considera a demanda como sendo legítima, a partir disto o agente securitizador, que pode ser um Estado ou qualquer outro agente, desde que tenha poder para isto, tem responsabilidade e está livre para quebrar as regras a fim de neutralizar a ameaça (BUZAN, 1998). Buzan *et. alii.* (1998), em seu livro “Security: a new framework for analysis” fala que:

A securitização não acontece apenas por quebrar as regras (que pode possuir muitas formas), nem apenas por ameaças existenciais (o que pode levar a nada), mas por casos de ameaças existenciais que legitimam a quebra de regras. <sup>6</sup> (BUZAN, 1998, p.25, Tradução Nossa).

Desta forma, securitização pode ser vista como um versão extrema da politização. Todavia há o sentido contrário, a desecuritização, que é um processo inverso pelo qual determinado tema ou ator é removido da esfera de segurança e realocado na esfera de política normal, politizado (WILLIAMS, 2013).

### **3. O Ebola**

A doença do vírus do Ebola, anteriormente conhecida como Febre Hemorrágica do Ebola, é grave e muitas vezes fatal, sendo letal em média em 50% dos casos (WHO, 2015) Há cinco tipos de doença causados pelo vírus Ebola, quatro afetam os humanos e homínídeos (Zaire, Sudão, Taï e Bundibugyo), e um afeta apenas os animais inclusive os primatas (Reston) (CDC, 2015). Pesquisas apontam que morcegos frugívoros são naturais hospedeiros da doença. O seres humanos adquirem o vírus quando entram em contato com sangue, órgãos, secreções e fluídos de animais infectados. A transmissão entre humanos ocorre de forma semelhante, através de contato com os enfermos. O período de incubação é de 2 a 21 dias, os humanos não são infecciosos até que demonstrem sintomas da doença que são o aparecimento súbito de febre, fadiga, dores musculares, dor de cabeça e dor de garganta (WHO, 2015).

A doença apareceu pela primeira vez, em dois focos simultâneos no Sudão e na atual República Democrática do Congo, em 1976, e o último caso registrado nesse período ocorreu numa vila perto do rio Ebola, da qual a doença leva o nome. Desde então, epidemias têm acontecido esporadicamente no continente africano (CDC, 2015). Há registros da doença nos

---

<sup>6</sup> Securitization is not fulfilled only by breaking rules (which can take many forms) nor solely by existential threats (which can lead to nothing) but by cases of existential threats that legitimize the breaking of rules.

anos de 1979, 1994, entre 1996 e 1997, de 2000 à 2004, de 2007 à 2008, entre 2012 e 2013, e de 2014 até a data da fomentação do presente trabalho. Em todos estes períodos o número de mortos não ultrapassou de 500 pessoas, já na epidemia de 2014 foi contabilizado mais de 11 mil óbitos (CDC, 2015). Caracterizando, então, como sendo a pior epidemia da doença já vista pela humanidade.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2015) a epidemia em 2014, começou através de um menino de 18 meses que vivia na Guiné, ele desenvolveu uma doença que tinha como sintomas febre, fezes pretas, e vômitos em 26 de Dezembro de 2013 e morreu em dois dias. A fonte exata de sua infecção não foi identificada, mas provavelmente tenha sido contato com animais selvagens infectados. A aldeia em que este menino e sua família moravam é muito remota, numa região de área florestal, porém esta foi desmatada por operações de empresas de mineração e madeireiras estrangeiras (WHO, 2015).

Algumas pesquisas sugerem que a perda de cerca de 80% da floresta, tenha trazido animais selvagens infectados, e as espécies de morcegos que até então são conhecidos por serem hospedeiros naturais do vírus, em contato próximo com os assentamentos humanos. Antes dos sintomas da doença, a criança foi vista brincando em seu quintal perto de uma árvore que estava infestada de morcegos (WHO, 2015).

O costume cultural de cuidar do corpo do ente querido aumentou as chances de transmissão, porque mesmo morto o humano infecta outros a partir de seus fluídos, como fora dito anteriormente (BBC BRASIL, 2014). Em janeiro de 2014, a família do garoto adquiriu o vírus e a doença se espalhou pelo vilarejo e para outras regiões, também, quando profissionais de saúde tentaram tratar os infectados (WHO, 2015).

O primeiro alerta para a doença foi dado em 24 de janeiro do mesmo ano, devido aos sintomas serem semelhantes ao da cólera, que é uma doença infecciosa endêmica da região, foi dado um alerta, e uma segunda equipe de profissionais da saúde foram enviados através do Médicos Sem Fronteiras em 27 de janeiro. O exame microscópico mostrou bactérias, mais uma vez apoiando a conclusão de que a provável doença desconhecida era cólera. Após a visita da equipe, outras mortes ocorreram mas não foram investigadas (WHO, 2015).

Em 1º de fevereiro, o vírus foi levado para a capital, por um membro da família do menino infectado. Ele morreu quatro dias depois em um hospital onde, como os médicos não tinha nenhuma razão para suspeitar de que era a doença hemorrágica Ebola, não foram tomadas medidas sanitárias para proteger o pessoal e outros pacientes. À medida que o mês avançava, o número de casos aumentava, espalhando-se para outras cidades, bem como para várias aldeias ao longo das rotas (WHO, 2015).

Emitiu-se o primeiro alerta para a doença não identificada em 13 de março de 2014, no mesmo dia, os funcionários do Escritório Regional da OMS para África (AFRO) abriram um processo de Sistema de Gestão de Emergência para a doença, suspeitava-se, naquele

momento, que poderia se tratar da febre de Lassa que também é comum na região e possui sintomas semelhantes. Desenvolvendo-se, assim uma investigação entre 14 e 25 de março, contando com a participação do Ministério da Saúde da Guiné, a Organização Mundial da Saúde, o Escritório Regional da OMS para África e os Médicos sem Fronteiras (WHO, 2015).

É, então, que em 21 de março, o Instituto Pasteur, da França, um Centro Colaborador da OMS, confirmou que o agente causador foi um *filovirus*, estreitando o diagnóstico para baixo para qualquer doença ou vírus Ebola; No dia seguinte, o laboratório confirmou que o agente causador foi da espécie Zaire, que é o vírus mais letal na família Ebola. Neste mesmo dia, o governo alertou a OMS sobre o surto de doença do vírus Ebola. Quando a OMS publicou o aparecimento da doença, através de sua página na *internet*, em 23 de março, foram oficialmente notificados 49 casos e 29 mortes (WHO, 2015).

#### **4. Securitização da doença**

O término da Guerra Fria conduziu a uma mudança e ampliação da percepção de ameaças à segurança internacional, como fora dito anteriormente. Não foi diferente com o Conselho de Segurança que tem adotado esta abordagem em suas ações, bem como na sua prática da manutenção e construção da paz. O Conselho incluiu o sofrimento humano e deslocamento decorrente de violações aos outras modalidades em sua agenda como a violação dos direitos humanos e do direito humanitário, e o terrorismo (BURCI, 2015).

Desde da década de 90, tem-se preocupado com o crescente risco de bioterrorismo, e do ressurgimento de doenças infecciosas, que até então eram consideradas vencidas, como um crescente risco de saúde pública global. Os ataques com antraz nos Estados Unidos em 2001, o surto da Síndrome Respiratória Aguda Severa em 2003 e o receio de surgir subitamente uma pandemia da gripe aviária desde o final da década de 1990, fez com que se fizesse necessário tratar da saúde pública a partir de uma perspectiva de segurança (BURCI, 2015).

Os Estados Unidos tomou a dianteira nesta mudança de política em 2002 em sua Estratégia de Segurança Nacional e internacionalmente no Painel de Alto Nível sobre Ameaças, Desafios e mudança das Nações Unidas em que fora anunciado que qualquer ocorrência que leve a morte em escala e que ameace os membros como unidades do Sistema Internacional, confere como ameaça a segurança internacional. Foi dada, neste Painel, a recomendação que a Organização Mundial da Saúde mantivesse o Conselho de Segurança da ONU informado sobre suspeitas e surtos de doenças infecciosas, para que o Conselho pudesse auxiliar a OMS na missão ou assumisse a responsabilidade da mesma (BURCI, 2015). Percebe-se que tem-se securitizado esta temática abrangente, e não tradicional, que

é a saúde, após o fim da Guerra Fria e principalmente após a discussão no Painel de Alto Nível sobre Ameaças, Desafios e Mudança.

Devido a quantidade de falecidos nesta presente epidemia do Ebola, como já foi visto, este tema foi politizado passando a receber atenção da Organização Mundial da Saúde que enviou material, equipamento e profissionais de saúde para as regiões afetadas a fim de conter a doença. Preocupava-se muito quanto ao impacto dessa enfermidade, nos três principais países afetados, na economia, na política, na tensão social e ao isolamento destes, através, por exemplo, de medidas preventivas suspendendo voos internacionais; visto que estes países saíram recentemente de momentos de instabilidade política e guerra civil (BURCI, 2014) Caracterizando, então como sendo Estados fracos, já que poderiam passar suas problemáticas domésticas ao âmbito internacional e não tinham como lidar com a epidemia sozinhos, fazendo-se necessário intervenção de outros Estados através das Nações Unidas a fim de se evitar um ameaça a segurança internacional, como já fora informado.

Antes de 2014, o Ebola não fazia parte da agenda do ocidente, mesmo com avisos dos Médicos Sem Fronteiras sobre a necessidade de conter a epidemia, e dos quatro mil falecimentos; é por volta de agosto de 2014, após dois missionários estado-unidenses adquirirem o vírus, que a Organização Mundial da Saúde declara 'Emergência de Saúde Pública Internacional' (HOLMES, 2014).

O processo de securitização da doença segmentou-se através das características expressas anteriormente: o ato da fala, a posição do orador e o contexto histórico da ameaça. A este ponto a doença havia sido politizada, fazendo parte, então, da agenda governamental, principalmente dos Estados Unidos; visto que já tinha preocupação anterior sobre ameaças à segurança de cunho biológico. Através do discurso do presidente, no poder no referente período, Barack Obama, que percebe-se a securitização do tema. Obama afirma à Assembleia geral das Nações Unidas o seguinte, em parte de seus discurso:

Se alguma vez houve uma emergência de saúde pública que merecesse uma resposta internacional urgente, forte e coordenada, esse é o momento. Mas esta é, também, mais do que uma crise de saúde. Esta é uma ameaça crescente para a segurança regional e global. (THE WHITE HOUSE, 2014, Tradução Nossa)<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> If ever there were a public health emergency deserving an urgent, strong and coordinated international response, this is it. But this is also more than a health crisis. This is a growing threat to regional and global security.

Como fora dito anteriormente, o agente securitizador traz em questão a emergência da situação, a ameaça, e o uso da expressão “Nós devemos agir”, percebe-se esta característica no seguinte trecho do discurso de Barack Obama à Assembleia Geral das Nações Unidas:

Mas eu quero que sejamos claros: Nós não estamos nos movendo rápido o suficiente. Nós não estamos fazendo o suficiente. Agora, todo mundo tem a melhor das intenções, mas as pessoas não estão colocando os tipos de recursos que são necessários para pôr um fim a esta epidemia. (THE WHITE HOUSE, 2014, Tradução Nossa)<sup>8</sup>

A posição do referente orador, o presidente dos Estados Unidos da América, é de elevada importância político-militar; de grande influência. Que é uma condição facilitadora para a aceitação do público relevante do seu argumento de ameaça à unidade. Não é a primeira vez que uma doença é enquadrada como uma ameaça à segurança, na década de 90, o vice-presidente dos EUA citou a AIDS/HIV como um problema de segurança que ameaçava além dos cidadãos individuais, mas às instituições da sociedade. Além dos Estados Unidos, o processo político de securitização do Ebola fora feito através de grande influenciadores em Serra Leoa e na Libéria. No primeiro Estado, o ministro da defesa, e não da saúde, que discursou sobre a luta contra o Ebola; e na Libéria o presidente declarou emergência de Estado, fechando escolas e mercados (HUANG, 2014).

Quanto ao contexto histórico, deu-se a evolução das doenças infecciosas como ameaça a segurança internacional, e a necessidade de assegurar que estes países pudessem se manter estabilizados visando o controle de suas ameaças domésticas, para que estas não ultrapassassem a fronteira. Desta forma, foi aprovado por unanimidade a Resolução 2177, com o copatrocinio de 130 Estados, o índice mais alto da história do Conselho, declarando como ameaça à paz e a segurança internacional a febre hemorrágica Ebola (BURCI, 2014).

Através desta resolução do Conselho de Segurança, e da Resolução 69/1 da Assembleia geral das Nações Unidas, inicia-se a Missão das Nações Unidas para Resposta Emergencial ao Ebola. Esta foi a primeira missão de saúde, com caráter emergencial, ela durou entre setembro de 2014 e julho de 2015, tendo como objetivo findar a epidemia do Ebola em Serra Leoa, em Guiné e na Libéria (ONU, 2015). Securitizando a doença criou-se preconceito com certos grupos étnicos; dificultou-se a ação dos agentes de saúde com as forças armadas por perto, por causa da quebra de confiança entre os profissionais de saúde e os pacientes, o que incentivava os civis a fugirem de tratamento. A questão de confiança é

---

<sup>8</sup> But I want us to be clear: We are not moving fast enough. We are not doing enough. Right now, everybody has the best of intentions, but people are not putting in the kinds of resources that are necessary to put a stop to this epidemic.

um dos fatores que fizeram com que o número de casos e mortes, aumentasse. Nos Estados mais atingidos pelo vírus Ebola, trabalhadores de saúde e clínicas estiveram sob ataque de moradores que atribuíram aos profissionais a culpa pela epidemia. E por último, securitizar não significa que haverá melhora dos sistema de saúde local, porque para isto, teria de haver planos a longo prazo (HUANG, 2014).

## **Conclusão**

A partir da abrangência da disciplina, nos eventos pós Segunda Mundial e ao findar da Guerra Fria, pode-se dar melhor atenção a temáticas, que até então eram ignoradas. A Escola de Copenhague tem grande relevância para os Estudos de Segurança Internacional, estando numa posição central do debate. A partir da análise do discurso utilizado, do contexto histórico da securitização dessas novas ameaças, das condições facilitadoras para o processo e o movimento de securitização incorporado no ato da fala, percebe-se até então que de fato houve movimento de securitização da doença. Confirmando a hipótese inicial desta presente pesquisa acadêmica, de que havia questões políticas e econômicas para a intenção de auxílio aos países afetados pela doença.

## **Referências**

AMERICAN SOCIETY OF INTERNATIONAL LAW. **Ebola, WHO, and the United Nations: Convergence of Global Public Health and International Peace and Security**. Disponível em: <<http://www.asil.org/insights/volume/18/issue/25/ebola-who-and-united-nations-convergence-global-public-health-and>> Acessado em: 06 out.2015.

BBC BRASIL. **Coveiros cruzam os braços em cidade assolada pelo ebola**. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141126\\_ebola\\_rua\\_fd.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141126_ebola_rua_fd.shtml)> Acessado em: 06 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Pior epidemia de ebola da história começou com a morte de um menino**. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141201\\_ebola\\_primeiro\\_paciente\\_epidemia\\_rb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141201_ebola_primeiro_paciente_epidemia_rb)> Acessado em: 06 set. 2015.

BURCI, Gian Luca. QUESTIONS OF INTERNATIONAL LAW. **Ebola, the Security Council and the Securitization of public health**. Disponível em: <<http://www.qil-qdi.org/ebola-security-council-securitization-public-health/>> Acessado em: 01 set. 2015.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **A evolução dos Estudos de Segurança Internacional**. São Paulo: Ed.UNESP, 2012.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole; WILDE, Jaap de. **Security: a new framework for analysis**. UNITED STATES OF AMERICA; UNITED KINGDOM: ED. Lynne Rienner Publishers, 1998.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **2014 Ebola Outbreak in West Africa**. Disponível em: < <http://www.cdc.gov/vhf/ebola/outbreaks/2014-west-africa/index.html>> Acessado em: 06 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **About Ebola Virus Disease**. Disponível em: < <http://www.cdc.gov/vhf/ebola/about.html>> Acessado em: 06 out.2015.

\_\_\_\_\_. **Cases of Ebola Diagnosed in the United States**. Disponível em: < <http://www.cdc.gov/vhf/ebola/outbreaks/2014-west-africa/united-states-imported-case.html>> Acessado em 06 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Ebola Outbreaks 2000-2014**. Disponível em: < <http://www.cdc.gov/vhf/ebola/outbreaks/history/summaries.html>> Acessado em: 06 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Outbreaks Chronology: Ebola Virus Disease**. Disponível em: <<http://www.cdc.gov/vhf/ebola/outbreaks/history/chronology.html>> Acessado em: 06 out. 2015.

DUQUE, Marina Guedes. **O papel de síntese da escola de Copenhague nos estudos de segurança internacional**. Contexto int., Rio de Janeiro , v. 31, n. 3, p. 459-501, Dez. 2009 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-85292009000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292009000300003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01 set. 2015.

ENLIGHTEN ME. **A Brief History of the Ebola Virus**. Disponível em: <<http://enlightenme.com/brief-history-ebola-virus/>> Acessado em: 01 set. 2015.

HINSHAW, Drew; MCKAY, Betsy. THE WALL STREET JOURNAL. **Africa, U.N. Step Up Effort to Fight Ebola Epidemic**. 2014. Disponível em: < <http://www.wsj.com/articles/sierra-leone-leader-calls-in-army-to-quarantine-ebola-stricken-neighborhoods-14068045>> Acessado em: 10 out.2015.

HOLMES, Josh. ROYAL HOLLOWAY – UNIVERSITY OF LONDON. **Nothing spreads like fear: The Securitisation of Ebola.** 2014. Disponível em: <<https://rhulgeopolitics.wordpress.com/2014/10/17/nothing-spreads-like-fear-the-securitisation-of-ebola/>> Acessado em: 01 set. 2015.

HUANG, Yanzhong. COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **The Downside of Securitizing the Ebola Virus.** 2014. Disponível em: <<http://www.cfr.org/diseases-infectious/downside-securitizing-ebola-virus/p33852>> Acessado em: 01 set. 2015.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. **Ebola na África Ocidental: epidemia demanda envio massivo de recursos.** Disponível em: <<http://www.msf.org.br/noticias/ebola-na-africa-ocidental-epidemia-demanda-envio-massivo-de-recursos>> Acessado em: 06 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Ebola.** Disponível em: <<http://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/ebola>> Acessado em: 01 set.2015.

NBC. **Ebola in America: The State of the Virus in the U.S.** Disponível em: <<http://www.nbcnews.com/storyline/ebola-virus-outbreak/ebola-america-whos-being-watched-most-closely-n228426>> Acessado em: 06 out. 2015.

OFFZIERE. **Securitization of everything or how to lose the sense of security at all.** Disponível em: < <https://www.offiziere.ch/?p=20097>> Acessado em: 06 out. 2015.

ONU. **UN Mission for Ebola Emergency Response (UNMEER)** Disponível em: < <http://ebolaresponse.un.org/un-mission-ebola-emergency-response-unmeer>> Acessado em: 10 out.2015.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. **An Introduction to Ebola: The Virus and the Disease.** Disponível em: < [http://jid.oxfordjournals.org/content/179/Supplement\\_1/ix.long](http://jid.oxfordjournals.org/content/179/Supplement_1/ix.long)> Acessado em: 02 set. 2015.

SNYDER, Michael R. INTERNATIONAL PEACE INSTITUTE – GLOBAL OBSERVATORY. **Security Council Response to Ebola Paves Way for Future Action.** Disponível em: < <http://theglobalobservatory.org/2014/12/security-council-response-ebola-action/>> Acessado em: 06 out. 2015.

STANFORD UNIVERSITY. **Brief General History of Ebola.** Disponível em: < <https://web.stanford.edu/group/virus/filo/history.html>> Acessado em: 15 set. 2015.

TANNO, Grace. **A contribuição da escola de Copenhague aos estudos de segurança internacional.** Contexto int., Rio de Janeiro , v. 25, n. 1, p. 47-80, Jun. 2003 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-85292003000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292003000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01 set. 2015.

THE NEW YORK TIMES. **A History of the Ebola in 24 Outbreaks.** Disponível em: < [http://www.nytimes.com/interactive/2014/12/30/science/history-of-ebola-in-24-outbreaks.html?\\_r=1](http://www.nytimes.com/interactive/2014/12/30/science/history-of-ebola-in-24-outbreaks.html?_r=1)> Acessado em: 01 set.2015.

THE WHITE HOUSE. **President Obama on America's Response to Ebola: "When Disease or Disaster Strikes, Americans Help".** 2014. Disponível em: < [https://www.whitehouse.gov/blog/2014/10/28/president-obama-provides-update-our-ebola-response-when-disease-or-disaster-strikes->](https://www.whitehouse.gov/blog/2014/10/28/president-obama-provides-update-our-ebola-response-when-disease-or-disaster-strikes-) Acessado em: 06 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Remarks by President Obama at U.N. Meeting on Ebola.** 2014. Disponível em: < <https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2014/09/25/remarks-president-obama-un-meeting-ebola>> Acessado em: 06 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Remarks by the President on America's Leadership in the Ebola Fight.** Disponível em: < <https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2015/02/11/remarks-president-americas-leadership-ebola-fight>> Acessado em: 06 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Remarks by the President on the Ebola Outbreak.** Disponível em: < <https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2014/09/16/remarks-president-ebola-outbreak>> Acessado em: 06 out.2015.

WILLIAMS, Paul D. **Security Studies: An Introduction.** 2 ed. CANADA; UNITED NATIONS OF AMERICA: ROUTLEDGE, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **2014 West African Ebola outbreak: feature map.** Disponível em: < <http://www.who.int/features/ebola/storymap/en/>> Acessado em: 06 out.2015

\_\_\_\_\_. **Ebola Virus Disease.** Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs103/en/>> Acessado em: 06 out. 2015.

